



A Influência Do Cotidiano Na Construção Da Linguagem Autoral Na Fotografia¹

Clério Augusto BACK²

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de promover uma pesquisa sobre a importância do cotidiano para o desenvolvimento do ensaio fotográfico na contemporaneidade. As mudanças constantes dos meios de comunicação, baseados na produção exaustiva de imagens, têm levado o fotógrafo a questionamentos sobre a real importância das imagens presentes nas mídias e na sociedade. Ele deve buscar inspiração nas em seu dia-a-dia para ter referências que enriqueçam a sua bagagem cultural e seu olhar. Na sua relação com a arte e a comunicação, a fotografia define uma nova forma não somente de representação, mas de pensamento, que leva a uma nova relação com o tempo, o espaço, o real, o sujeito, o ser e o fazer (DUBOIS, 1990). A fotografia passa atualmente a ser pensada priorizando a linguagem, a idéia, em detrimento a técnica.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; contemporânea; ensaio; autoral; cotidiano.

1.INTRODUÇÃO

A percepção do mundo cotidiano a partir do ato fotográfico permite uma compreensão mais sensível do que se passa ao redor do indivíduo e há um ponto privilegiado da fotografia em que o visível revela o que não é comumente visto e como explica Baudrillard o registro fotográfico revela “o objeto que nos vê, o objeto que nos sonha. É o mundo que nos reflete, é o mundo que nos pensa” (FRAYZE-PEREIRA, 2006, p. 110). Essas afirmações são bastante adequadas para esse estudo sobre a influência do cotidiano na fotografia. O cotidiano acima de tudo se destaca como uma interpretação do fotógrafo/autor.

Esse fotógrafo/autor como idealizador da imagem busca revelar sua maneira de perceber o mundo, através de sua interpretação das cenas cotidianas. As particularidades técnicas da câmera fotográfica usadas de maneira consciente refletem algumas das

¹ Trabalho apresentado no DT 04 – Comunicação Audiovisual do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Autor do trabalho. Professor colaborador do Departamento de Comunicação Social (DECS) da Universidade Estadual do Centro - Oeste do Paraná – UNICENTRO. Graduado em Publicidade e Propaganda pela Faculdade Campo Real/PR e Especialista em Artes Visuais pelo SENAC/PR, e-mail: cleriofotografia@gmail.com



possibilidades em se propor um ensaio fotográfico que potencializa a linguagem autoral e criativa do fotógrafo.

Durante o processo de organização das informações pertinentes à pesquisa do tema, pretende-se expor o pensamento sobre a imagem fotográfica durante o século XX e também uma análise atual com referência em trabalhos que usam o cotidiano como base para a construção visual da imagem fotográfica. A complexidade das relações sejam elas sociais, econômicas, políticas, tecnológicas, culturais, motiva à inquietação intelectual do fotógrafo contemporâneo, que procura produzir um trabalho consiste em meio à banalização da imagem promovida pela cultura de massa.

2. FOTOGRAFIA AUTORAL NO SÉCULO XX

Anterior ao período das grandes guerras, o suporte fotográfico já se consolidara como narrativa documental na sociedade. O desenvolvimento tecnológico constante desde sua criação em 1826³ instala novas perspectivas ao mundo moderno, especialmente pela expansão da comunicação de massa.

No início do século XX, a fotografia apesar de inicialmente não se destacar como uma expressão artística recebe influência direta dos movimentos de vanguarda:

Surgiu felizmente um diálogo que constitui sem dúvida, um dos capítulos mais interessantes da cultura visual do nosso século. Não se tratou apenas de uma questão de reconhecer a fotografia como arte, mas de eliminar definitivamente as fronteiras entre fotografia e as artes criativas. (SCHEPS, 1998, p.5)

De fato desde a ruptura promovida por Marcel Duchamp⁴, a arte que surge no início do século muda drasticamente os padrões vigentes e a fotografia adquire um papel importante nesse novo patamar. Artistas passam a produzir de maneira antes não vista e constituem novos parâmetros estéticos e psicológicos. Cubismo, Construtivismo, Dadaísmo e Surrealismo⁵ foram alguns dos movimentos em que usaram a fotografia como parte do trabalho, cada um com uma nova proposta visual. Nas décadas de 50, 60 e 70 a fotografia foi constantemente explorada pelos artistas da Pop Art, Hiper-realismo,

³ É considerada a primeira imagem fotográfica, a realizada por Joseph Nicéphore através do processo chamado heliográfico formado por papel tratado com cloreto de prata e fixado com ácido cítrico

⁴ “Visto sob a perspectiva atual, Marcel Duchamp parece ser um dos mais influentes artistas do século xx. A sua avaliação crítica das condições em que a arte foi criada e comercializada estabeleceu uma tendência que hoje continua atual. Foi Duchamp quem respondeu de forma mais radical às formas impostas pela era industrial ao mundo da arte”. (MINK, 1996, p.7)

⁵ Movimentos pertencentes às vanguardas artísticas européias.



Land-art, entre outros movimentos que optam por uma linguagem reflexiva, questionadora e às vezes ofensiva para produzir sua arte, valorizando um posicionamento mais autoral de quem cria.

A fotógrafa Gisèle Freund revela que “cada momento da História vê crescer modos de expressão artística particulares, correspondendo ao caráter político, às maneiras de pensar e aos gostos da época” (LOMBARDI, 2008 p.38) e na busca em seguir as tendências estéticas que marcam a sua época, o fotógrafo procura desenvolver sua própria linguagem. Os temas documentais, sociais ou artísticos passam a ser constantemente explorados e surgem linguagens cada vez mais subjetivas, “a partir do período pós-guerra que os fotógrafos documentaristas começaram a deixar o imaginário falar mais abertamente” (LOMBARDI, 2008 p.46).

Com as mudanças profundas do pós-guerra, a fotografia documental leva fotógrafos a partilharem interesses por temas humanitários. Os ensaios documentais exigem maior imersão e aprofundamento para que dessa forma as imagens representem a essência do cenário escolhido. Muitos fotógrafos “festejaram a banalidade da vida cotidiana. Ansiavam criar um registro completo do nosso mundo para reunir uma coleção interminável de imagens numa espécie de mega-memória” (SCHEPS, 1998 p.4).

Com as reviravoltas geradas pelas transformações econômicas, sociais e políticas do século XX, cria-se a necessidade do consumo de imagem, que além das notícias diárias torna-se parte de uma infinidade de campanhas publicitárias e editoriais de moda em todo o mundo:

Uma sociedade capitalista requer uma cultura com base em imagens. Precisa fornecer grande quantidade de entretenimento a fim de estimular o consumo e anestesiar as feridas de classe, de raça e de sexo. (...) À medida que produzimos imagens e as consumimos, precisamos de ainda mais imagens; e mais ainda. (SONTAG, 1977, p. 195).

A afirmação de Sontag leva-nos a refletir sobre a importância da imagem fotográfica no cenário atual e os desafios que a acompanham. Nesse sentido, o fotógrafo deve procurar novas maneiras de se relacionar com os temas e principalmente, propor uma nova concepção e outra leitura da imagem. A fotografia passa cada vez mais a figurar como um processo de escolhas do fotógrafo que pretende refletir nela o seu olhar sobre o cotidiano. Nesse caso, ele vem questionando a “realidade” proposta pela mídia e



também a representação do real imposta à fotografia. Uma linguagem mais imaginativa e ficcional passa a ser adotada com frequência na produção fotográfica na atualidade.

3. A IMAGEM CONTEMPORÂNEA

A necessidade de inovação na linguagem visual é indispensável para o desenvolvimento e valorização da criatividade do artista, e “um critério de avaliação que a pintura e a fotografia de fato compartilham é a inovação; tanto pintores como fotógrafos são muitas vezes valorizados porque impõem novos esquemas formais ou mudanças na linguagem visual” (SONTAG, 1977, p.155). Essa inovação ocorre não apenas na fotografia como também em várias outras áreas. A diversidade e a pluralidade das ferramentas que existem atualmente possibilitam novas práticas artísticas que só dependem do estímulo criativo do artista. A fotografia é determinante no processo de disseminação da arte contemporânea, pois, “ela passa a alimentar os artistas e favorece a renovação e o relançamento de outras práticas artísticas” (DUBOIS, 1990, p.112). A própria imagem fotográfica passa a se aproximar e relacionar cada vez mais com a arte contemporânea e seus museus e galerias.

Dessa forma os meios de comunicação e o suporte escolhido influenciam o aspecto como a fotografia passa a ser apresentada ao observador. Um exemplo é o computador e a internet, onde se compartilham imagens virtualmente e é um extenso canal de divulgação e pesquisa para os fotógrafos. A velocidade com que se divulga e consome fotografia hoje, influencia a velocidade com que se produz a fotografia, “a experiência se estabelece nas redes complexas de comunicação, e esses circuitos imateriais promovem uma nova modalidade de percepção e criação de imagens” (FATORELLI, 2005, p.19). O fotógrafo contemporâneo percebe que a ferramenta e a tecnologia servem para ampliar as potencialidades da sua narrativa. O dispositivo serve para dar “vida” à sua criatividade:

A tecnologia é a responsável pelo processo de intermediação entre o imaginário e a fotografia. Assim, os fotógrafos a utilizam para colocar em prática novas formas de representação. O desfoque, o barrado, a sobreposição de imagens, ou seja, recursos técnicos que não eram muito utilizados na fotografia documental passaram a fazer parte de sua linguagem. (LOMBARDI 2008, p.46)

Nos dias de hoje são produzidas cada vez mais experimentações na linguagem fotográfica. O fotógrafo busca descobrir nas características particulares do dispositivo



fotográfico, no material usado como a lente, câmera, filmes, ou o uso de softwares de edição no arquivo digital, a possibilidade de interferir na captação e finalização da imagem. Por outro lado, surgem alternativas que retomam métodos mais antigos da fotografia adaptados a necessidade atual que contrastam o excesso de manipulação que caracteriza os padrões estéticos da imagem hoje. A fotografia destituída de refinamentos formais pode não apresentar uma beleza estética padrão, mas pode valorizar o registro de um ponto de vista subjetivo ou poético que proporcione reflexões mais intensas sobre a imagem:

A técnica imperfeita passou a ser apreciada exatamente porque rompe a entorpecida equação entre Natureza e Beleza.(...)Se (nas palavras de Whitman) “todo o objeto, ou condição, ou combinação, ou processo exibe uma beleza”, torna-se superficial privilegiar certas coisas como belas e outras não. (...) Fotografar é atribuir importância. (SONTAG 1977, p.118)

Ao definir um tema o fotógrafo automaticamente dá importância a ele e sua escolha cria posteriormente um canal aberto a interpretações do espectador que tem contato com sua imagem. Em uma nova perspectiva os fotógrafos contemporâneos procuram realçar detalhes ou objetos despercebidos para conhecer e investigar melhor o cotidiano que está a sua volta. Nesse processo o uso de planos de câmera, cortes e ângulos incomuns representam as estratégias de que o fotógrafo se vale para transformar as situações cotidianas em uma espécie de auto-reflexão. Em muitos casos, a imagem se forma na desconstrução do tema, onde o objetivo é impactar e causar estranheza no observador. Assim, “o ato de tornar estranho ou de desfamiliarizar consiste então em despertar os aspectos insólitos ou em fazer emergir relações latentes habilmente não percebidas pelo olhar convencional” (FATORELLI,2005, p.19), e na experiência com a imagem fotográfica, o observador muitas vezes é colocado em xeque frente à sua percepção do real.

Um dos possíveis caminhos da linguagem fotográfica contemporânea que valoriza a linguagem autoral é chamado de documentário imaginário. Oriundo de novas formas narrativas da fotografia com intenção de ressaltar o aspecto reflexivo e intelectual do autor que propõe o cenário de maneira ficcional dando origem a imagens mais metafóricas e com intensa carga poética:

O documentário imaginário refere-se, no entanto, a apenas um possível percurso da fotografia documental contemporânea (...) Sua proposta pode ser vista como



uma busca por novas linguagens por novas formas de representação mais voltadas para a expressão da sociedade contemporânea em suas inúmeras complexidades. Também se apresenta como uma possibilidade bastante intimista, prazerosa e libertária de expressão. (LOMBARDI, 2008, p.39).

O fotógrafo se referencia principalmente na literatura e na música para conceber suas idéias e busca representar suas inquietações criativas através de imagens que percorrem o seu imaginário. Nesse aspecto o pensamento reflexivo age como parte do olhar, pois em princípio a imagem se estabelece mentalmente e depois se desenvolve na pesquisa e exploração visual. O ensaio documental imaginário vem ganhando força na cena contemporânea por permitir a total liberdade do fotógrafo, e efetivamente “a preocupação em ser fiel ao visível deixou de ser prioridade”. (LOMBARDI, 2008 p. 46).

Nesse panorama a fotografia é explorada constantemente para criar novas narrativas, sejam elas como expressões subjetivas da realidade, ou expressões metafóricas orientadas pela pesquisa sobre o tema. O que pode ser destacado como ponto chave na fotografia contemporânea é a reflexão sobre a produção da imagem que permeia a idéia de que “no fundo, a fotografia é subversiva não quando assusta, perturba ou até estigmatiza, mas quando é *pensativa*. (BARTHES, 1998 p.47)”

4. A INFLUÊNCIA DO COTIDIANO NA LINGUAGEM CONTEMPORÂNEA

A fotografia partir do universo pessoal “permite-me atingir um infra-saber, fornece-me uma coleção de objetos parciais e pode lisonjear em mim um certo fetichismo, pois existe um “eu” que gosta de saber e que sente por ele como que um gosto apaixonado (BARTHES, 1980, p.39). Leva o fotógrafo a compreender o que está ao seu redor e registrá-lo fotograficamente. Há sempre algo novo a ser percebido, e o ato de fotografar impulsiona o descondicionamento do olhar comum. Esse ato congela um pequeno instante do tempo, de momentos, de fatos, e assim como serve muito bem para descrever o cotidiano, as experiências da vida comum repleta de simplicidades e complexidades.

As cenas do cotidiano permitem compor as mais diversas combinações possíveis no ensaio fotográfico. Detalhes e situações podem surgir de maneira imprevista e redefinir os objetos, cenários e pessoas nesse cotidiano. A câmera fotográfica pode ser



considerada uma ferramenta adequada para registrar o cotidiano não apenas por registrar a cena fielmente, mas por permitir também o desenvolvimento da subjetividade do autor. Através dela é possível explorar formas, luzes, texturas, cores ou contrastes monocromáticos, elementos fundamentais no direcionamento do olhar.

Nesse sentido, o trabalho do fotógrafo “consiste antes em subtrair de uma vez todo um espaço “pleno”, já cheio” (DUBOIS, 1990, p.178). O ato de fotografar é encaixar elementos a fim de identificar o melhor ponto de vista sobre a cena retratada. O cotidiano como tema, é rico e permite percepções múltiplas de uma mesma cena; o processo de “excluir” ou “incluir” na câmera faz parte de um exercício mental e do próprio olhar. Muitos fotógrafos exercitam seu olhar sem usar a câmera, enquadram e definem o plano previamente. A fotografia estende o órgão da visão para promover uma descoberta da essência do “eu” através dos gostos particulares. Ela reflete a personalidade e “experiência de mundo” do indivíduo:

Nesta divisão entre o visível e o invisível cabe à fotografia revelar, através do inventário das aparências, a forma da essência. Persiste nesse inventário algo oculto, um olho do espírito, uma dimensão invisível, de natureza distinta daquela sugerida pelo que escapa ao olhar. (FATORELLI, 2005, p.8).

Em seu cotidiano, o fotógrafo pode registrar imagens únicas e afinar sua sensibilidade para interpretar as cenas. Nessa imersão, a experimentação e as influências externas devem estar unidas para extrair da banalidade algo de consistente, pois o cotidiano é um universo de informações, fatos, objetos, formas, cores e detalhes motivadores à prática criativa da fotografia. A convivência faz com que o artista absorva experiência para o seu crescimento pessoal e profissional, e tenha capacidade de fazer imagens significativas, fortalecidas por sua intermediação reflexiva.

A linguagem fotográfica contemporânea vem sendo bastante explorada no Brasil por um grupo de fotógrafos com um trabalho de destaque. Destaca-se para essa análise o coletivo Cia de Foto de São Paulo - SP e João Castilho de Belo Horizonte - MG⁶, seus trabalhos têm proximidade com o tema desse estudo.

O coletivo Cia de foto, formado pelos fotógrafos Rafael Jacinto, Pio Figueiroa e João Kehl, da cidade de São Paulo-SP, criam trabalhos e projetos pessoais de fotografia.

⁶ A pesquisas sobre os fotógrafos e relatos de seus trabalhos foram obtidas em entrevistas concedidas ao fotógrafo pernambucano Alexandre Belém, que mantém em atividade o blog de fotografia OlhaVê, que contém informações e discussões sobre a fotografia. Disponível em <<http://www.olhave.com.br/blog/?cat=8>>. Acessado em 10/08/09.



Surgiu em 2003 com um pensamento formado na produção criativa e sustentável. A prioridade são ensaios fotográficos que através de novas mídias e suportes, são disponibilizados para fins comerciais ou de entretenimento. O coletivo é muito atento às possibilidades de comunicação e divulgação que os meios eletrônicos permitem e não restringe seus ensaios apenas à impressão no papel. Eles interagem com outras mídias e levam a fotografia a dialogar constantemente com outros universos criativos, como o vídeo, design e instalação.

A forma de apresentar o trabalho condiz com a realidade dinâmica do coletivo, que procura sempre romper com as regras em busca de linguagens coerentes com a proposta dos ensaios. Um dos projetos do grupo intitula-se “caixa de sapatos”. Remete à forma como as fotografias impressas, geralmente familiares, são guardadas. Trata-se de um trabalho centrado no cotidiano do coletivo, as imagens são registros das situações comuns vivenciadas por eles e fazem parte do contexto pessoal do grupo. É dele que saem as pesquisas fotográficas, é a figuração do modo que o grupo se relaciona com a fotografia. As fotos caracterizam-se pelo uso da luz ambiente, marcada por pontos contrastantes e cores saturadas. Algumas imagens são realizadas em condições de pouca intensidade de luz, mas que garante uma grande dramaticidade a cena.

O “caixa de sapato” é um trabalho fotográfico peculiar e pessoal, nele são inseridas cenas que fazem parte da vida das pessoas do coletivo. Além disso, é um projeto aberto que não se limita a uma quantidade de fotos específica ou a algum cenário, sempre surgem novos registros que constroem e complementam o projeto, formando um banco de imagens do cotidiano. De acordo com eles uma caixa de sapato, tem fotos feitas por todo mundo que viveu ao redor das situações guardadas ali. Não importa o fotógrafo, mas sim o momento. E principalmente quem abre essa caixa.

Através do compartilhamento e divulgação das imagens do ensaio na internet, o coletivo tem conseguido interagir com vários suportes e o projeto caixa de sapato virado algo virtual. A fotografia digital e as novas possibilidades de mídia para eles permitem ao fotógrafo operar cada vez mais uma idéia, uma linguagem particular e não mais um equipamento.



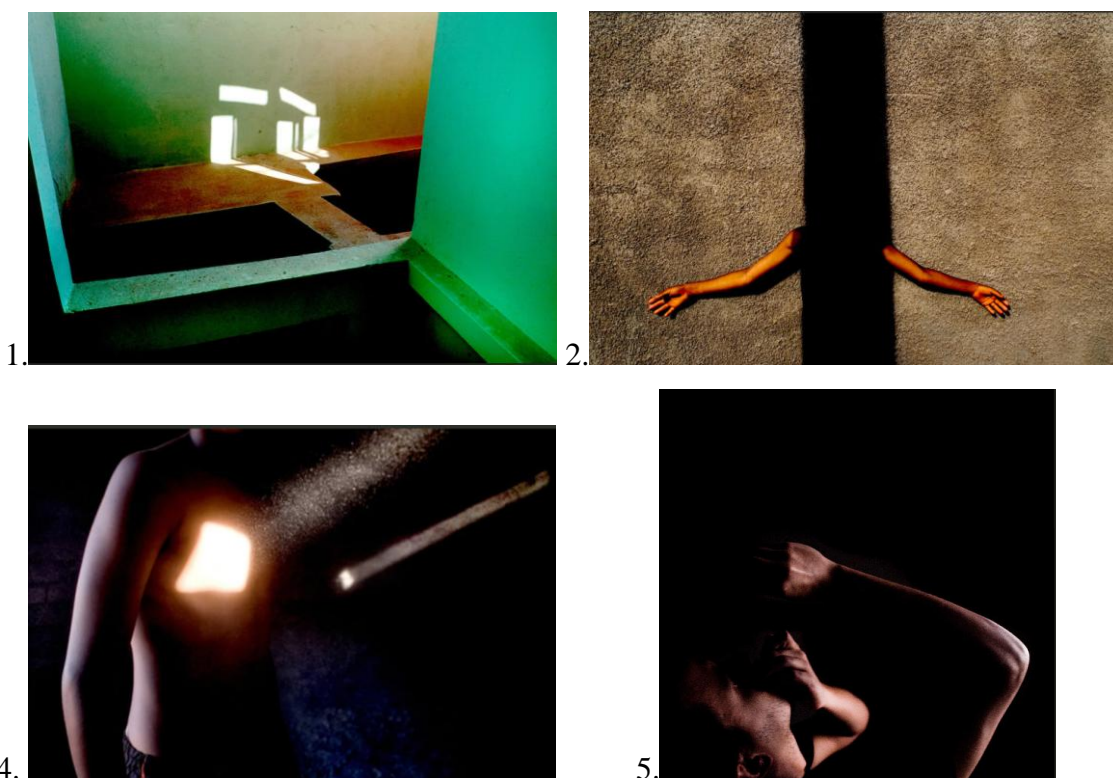
1. Cia de Foto. “Caixa de Sapatos” Imagem 0066
2. Cia de Foto. “Caixa de Sapatos” Imagem 0048
3. Cia de Foto. “Caixa de Sapatos” Imagem 0201
4. Cia de Foto. “Caixa de Sapatos” Imagem 0253

João Castilho é outro fotógrafo que explora a linguagem fotográfica constantemente. Possui trabalhos de expressiva carga poética e que mostram a sua maneira particular de posicionar a fotografia na arte contemporânea. Em seus trabalhos usa também referências da literatura e de textos que estabelecem relações com as imagens permitindo seu desdobramento em significado. É um fotógrafo que tem trabalhando bastante dentro do conceito do documentário imaginário.

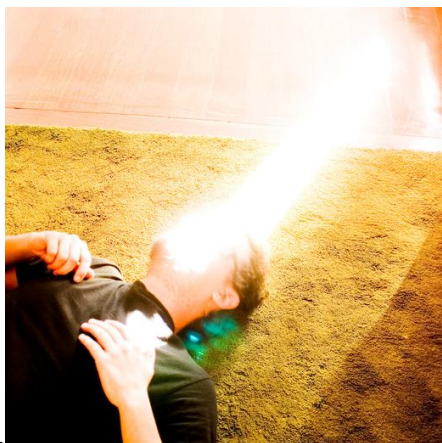
Seus gostos são definitivos em relação à luz e cores das cenas e dá preferência para fotografar nos horários de fim de tarde. A passagem do dia para a noite é sempre um acontecimento eufórico, de êxtase e especialmente rápido, e isso se reflete nas suas imagens. Nesse caso vê-se que o uso da luz, sombras e cores criam imagens quase abstratas como em sua série “Redemunho” de 2006, por exemplo. Esse ensaio é resultante de uma imersão do fotógrafo no ambiente, e é reflexo da percepção inserida naquele cotidiano. Trata-se de uma narrativa por um sertão barroco, realizado no vale do Jequitinhonha em Minas Gerais. É possível perceber claramente o uso da linguagem



imaginativa no cotidiano da comunidade residente na localidade, é uma interpretação bastante subjetiva do fotógrafo sobre a vida dessas pessoas. Em destaque também podemos citar “Série Cega” de 2007, que retrata o período que o fotógrafo passou por uma cirurgia no olho e ficou sem poder fazer as coisas habituais. Essa série como sugere o nome possui imagens desfocadas e superexpostas⁷ que remetem a cegueira ou problema na visão, a forma como o fotógrafo via as coisas depois da cirurgia. É um exemplo de que algumas situações negativas podem se desdobrar na redescoberta de coisas simples como o fato de enxergar perfeitamente as coisas ao redor. De acordo com ele, a idéia por traz destes projetos é criar para a fotografia um lugar híbrido, intermediário entre registro-documento e obra acabada.



⁷ A superexposição é uma técnica obtida através da exposição da câmera. Para superexpor a cena, o fotógrafo deixa entrar mais luz na leitura da câmera, e as imagens obtidas tendem a uma grande luminosidade sendo menos contrastantes e as formas não bem definidas.



6.



7.

1. João Castilho. “Redemunho” Imagem 2/21 - 2006
2. João Castilho. “Redemunho” Imagem 14/21 - 2006
3. João Castilho. “Redemunho” Imagem 20/21 - 2006
4. João Castilho. “Série Cega” Imagem 9/21 – 2007
5. João Castilho. “Série Cega” Imagem 11/21 – 2007
6. João Castilho. “Série Cega” Imagem 21/21 – 2007

É Possível perceber nesses trabalhos fotográficos que as relações vivenciadas no cotidiano se expressam pelas imagens que são retratos da intimidade do fotógrafo com o tema. Nessa relação, “sendo da natureza oferecer-se por perfis e sendo da natureza da percepção o perspectivismo, por essa mesma razão, o visível, ou de modo geral o sensível é *inesgotável*” (FRAYZE-PEREIRA, 2006, 102). A sensibilidade fotográfica opera na interpretação do objeto como uma imagem e várias formas de representar a cena e que podem ser conjugadas pelo fotógrafo. O senso estético e o cuidado com os detalhes tornam possível sempre novas visões sobre o cotidiano

Desse modo a fotografia como ferramenta investigativa, propõe-se a “descobrir a beleza naquilo que todos vêem, mas desdenham como algo demasiado comum”. (SONTAG,1977, p.106). Cabe ao fotógrafo buscar a beleza na cena que registra. O envolvimento e o cuidado aos detalhes criarão o diferencial na linguagem do fotógrafo, e seu trabalho será cada vez mais autoral.



6. CONCLUSÃO

Existem diversos possíveis para a fotografia, e a maioria deles incluem a subjetividade da linguagem, valorizando a imagem autoral. As mudanças constantes dos meios de comunicação e a exaustão de imagens aliada ao surgimento de novas tecnologias levam o fotógrafo a experimentar e inovar em seus ensaios visuais. Todas as novas possibilidades abrem perspectivas que exigem um envolvimento cada vez maior no tema.

O fotógrafo contemporâneo deve ser mais reflexivo a respeito da imagem que esta produzindo e a sua fotografia deve estar aberta a interpretações posteriores na leitura da imagem, sendo que “qualquer imagem fotográfica, por seu caráter de signo múltiplo e variável, permite uma leitura plural que transcende até mesmo o que o fotógrafo viu. Mesmo que o fotógrafo quisesse dar um significado particular ao conjunto das características de sua imagem, essa intencionalidade seria ineficiente, pois o imaginário do produtor não é o mesmo do receptor. (LOMBARDI, 2008, p.55)”.

Para isso, é parte de seu trabalho o uso de referências para abastecer o seu imaginário com fontes criativas como a literatura, o cinema, as artes-plásticas, a moda, o design, arquitetura, que enriqueçam suas imagens, e assim também considerar como influência fundamental os elementos que fazem parte do seu dia-a-dia, as situações que vivencia tendo em vista que “uma fotografia nunca é totalmente destituída de influências, pois o fotógrafo absorve informações de diversos lugares e pode usá-las mais adiante para criar outras imagens” (LOMBARDI, 2008, p.47). Esse autor não busca mais imagens de maneira instintiva e aleatória. A pesquisa fotográfica hoje exige um trabalho muito mais exaustivo e planejado para que esse trabalho tenha um conteúdo de muito mais valor.

A situação do mundo atual onde predominam relações mais individualistas, as facilidades tecnológicas e acesso rápido a qualquer tipo de informação; levam o fotógrafo a voltar seu olhar para o próprio cotidiano, mantendo ativo o pensamento criativo no retrato de imagens que representam além de tudo sua visão pessoal. “A partir da banalidade do cotidiano, o fotógrafo procurava ressaltar exatamente essa ausência suposta de significado do objeto ou pessoa fotografados, oferecendo ao olhar um leque de interpretações”. (LOMBARDI, 2008, p.40)



Essa referência no cotidiano é uma maneira de expandir sua linguagem autoral e descondicionar o olhar anestesiado pelo excesso de informações visuais. O fotógrafo como ser sensível deve busca contornar os modismos da fotografia para potencializar sua criatividade, rompendo com as tendências estéticas estabelecidas na cultura de massa.

A arte contemporânea dialoga cada vez mais com o suporte fotográfico, servindo para lançar questionamentos sobre as superficialidades mundanas e propondo um repensar da técnica fotográfica com a adoção intencional de uma linguagem provocativa para contrapor os estereótipos pregados na sociedade contemporânea. Na sua relação com a arte, a fotografia “define uma nova forma não somente de representação, mas de pensamento, que leva a uma nova relação com o tempo, o espaço, o real, o sujeito, o ser e o fazer” (DUBOIS, 1990, p.94). A imagem fotográfica passa atualmente a ser usada por artistas que pensam a realidade a sua volta para priorizar a linguagem, a idéia, acima das técnicas formais. Dessa maneira, a tecnologia que avança o desenvolvimento de ensaios com menos regras e padrões, e nesses ensaios surgem propostas inovadoras que acabam por fim delineando a identidade fotográfica contemporânea, que passa a inserir cada vez mais uma linguagem autoral em sua identidade.

7. REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Tradução: Manuela Torres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BELÉM, Alexandre. **Blog OlhaVê** disponível em <http://www.olhave.com.br/blog/> . Acessado em 10/08/09.

CASTILHO, João. **Site** disponível em <http://www.joaocastilho.net/port/index.html> . Acessado em 03/08/09.

CIA DE FOTO. **Blog** disponível em <http://ciadefoto.wordpress.com/> Acessado em 03/08/09.

CIA DE FOTO. **Fotos do trabalho Caixa de Sapatos** disponível em <http://www.flickr.com/photos/ciadefoto/> . Acessado em 03/08/09.

CIA DE FOTO. **Site** disponível em <http://www.ciadefoto.com.br/> . Acessado em 03/08/09.



DISCURSOS FOTOGRÁFICOS. **Revista eletrônica** Uel disponível em
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos> . Acessado em 17/07/09.

DUBOIS, Phillipe. **O Ato Fotográfico**. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

FATORELLI, Antônio. **Passagens da Fotografia**. Senac. Rio de Janeiro, RJ, 2005.

FRAYZE-PEREIRA, João A. **Arte, Dor: Inquietudes entre estéticas e psicanálise**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

FIUZA, Beatriz Cunha; PARENTE, Cristiana. **O conceito de ensaio fotográfico**. *Discursos fotográficos n° 4, Uel*. Londrina - PR, 2008.

LOMBARDI, Kátia Hallak. **Documentário Imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea**. *Discursos fotográficos n° 4, Uel*. Londrina - PR, 2008.

MINK, Janis. **Marcel Duchamp**. Tradução Zita Moraes. Lisboa, Taschen, 2006.

MUSEU LUDWIG DE COLÓNIA. **Fotografia do século XX**. Tradução Sandra Oliveira, Lisboa. Colonia: Taschen, 2005.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

TERSARIOL, Alpheu. **Dicionário Brasileiro Edelbra**. Erechim-RS: Edelbra. s/a.